

Terciário, em relação ao impacto emocional gerado pela hospitalização e o tratamento clínico de seus filhos. Método: Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, exploratório, retrospectivo, apresentado no formato de casos múltiplos, sendo cada um deles uma unidade de análise. As mães participantes responderam a uma entrevista semiestruturada. As mesmas foram transcritas e analisadas a partir da Análise de Conteúdo. Resultados: As participantes identificaram uma modificação na relação com a criança, que passou a ser permeada pela situação de sofrimento da diáde. Trouxeram o sofrimento diante da mudança abrupta trazida pela necessidade de hospitalização dos filhos. A mudança em vários aspectos da vida e o longo tempo de permanência no hospital, foram trazidos como aspectos geradores de ansiedade e preocupação. A necessidade de encontrar um sentido para as limitações decorrentes do quadro clínico do filho foi destacada como sendo fundamental para as mães conseguirem melhor suportar o processo de hospitalização. Neste sentido, uma comunicação clara e efetiva entre mães e equipe assistente, foi percebida como auxiliar na redução da angústia pela incerteza diante do que é desconhecido, seja o quadro clínico, o tratamento proposto ou o prognóstico da criança. Conclusão: Há necessidade das equipes multiprofissionais que assistem estes pacientes de promover ações que tenham como objetivo a redução de respostas desadaptadas das mães que os acompanham. Estratégias de ampliação da comunicação devem ser implementadas como forma de minimizar a ansiedade das mães pela incerteza do prognóstico da criança. Unitermos: Hospitalização; Internação pediátrica; Impacto emocional.

### **P1201**

#### **Estereotípias de gênero nas estratégias educativas parentais desenvolvidas com crianças com distúrbios do desenvolvimento sexual (DDS)**

Tatiana Prade Hemesath, Bianca Borba Soll, Eduardo Corrêa Costa, Leila Pedroso de Paula, Júlio César Leite, Clarissa Gutierrez Carvalho, Guilherme Guaragna Filho - HCPA

Introdução: Os Distúrbios do Desenvolvimento Sexual (DDS) são malformações congênitas que se caracterizam por promover, anatomicamente, indiferenciação genital em crianças recém-nascidas. Objetivo: O presente estudo buscou investigar os estereótipos de gênero inseridos nas estratégias educativas parentais com crianças com diagnóstico de DDS em idade escolar. Método: O estudo teve 10 participantes, oito mães e dois pais, com filhos com DDS em idades entre 7 e 13 anos. Cinco pacientes tinham sexo de criação masculino e cinco tinham sexo de criação feminino. Foi realizada entrevista semiestruturada que continha perguntas sobre o tema. Análise de Conteúdo foi utilizada como método de análise dos dados. Resultados: Os resultados mostram a supervalorização dos pais quanto às questões referentes às identidades, sexual e de gênero, de seus filhos. Todos os entrevistados demonstraram convicção entre a necessidade de haver diferenças na educação entre os dois gêneros, principalmente no que diz respeito a questões de sexualidade e comportamentos decorrentes desta. Por outro lado, a ambivalência quanto às questões de identificação de gênero devido a DDS parece influenciar de forma significativa a forma como os pais dessas crianças incentivam e questionam o comportamento de seus filhos. As mães de pacientes com DDS com sexo de criação feminino demonstram maior preocupação de que as filhas façam escolhas conforme o esperado para o gênero feminino. Essas mães parecem observar atentamente as escolhas das crianças, buscando marcadores que possam garantir a definição da identidade de gênero conforme a identidade sexual (gênero feminino). Assim, apresentam-se hipervigilantes e inseguras quanto à conduta das filhas, principalmente quando esta não se adequa exatamente ao padrão esperado ao gênero. Conclusão: Os resultados apontam que os pais participantes do estudo são mais preocupados em avaliar o comportamento de seus filhos e compará-lo aos das crianças pertencentes ao mesmo sexo. Sentem maior necessidade em impor, de forma explícita, os estereótipos de gênero em seus filhos com DDS, manifestando temor de que apresentem comportamentos não usuais ao sexo de criação definido. Também trazem que costumam reprimir manifestações dos filhos que não entendem como condizentes ao sexo de criação. Por fim, mostraram-se sujeitos a um importante fator de confusão na compreensão do que diz respeito à formação de identidade de gênero dessas crianças. Unitermos: Distúrbios do desenvolvimento sexual; Estereotípias de gênero; Estratégias parentais.

### **P1281**

#### **Avaliação neuropsicológica em pacientes com epilepsia refratária internados para videomonitorização**

Fernanda Rohrsetzer, Juliana Unis Castan - HCPA

Introdução: Transtorno neurológico crônico, a epilepsia é caracterizada por crises convulsivas recorrentes e por seus efeitos neurobiológicos, cognitivos, psicológicos e sociais. A avaliação neuropsicológica é uma via para compreender o impacto funcional da epilepsia e seu tratamento. Através de entrevistas, observações e testes psicométricos, proporciona uma visão abrangente do impacto da doença e de seus efeitos na vida do paciente, além de auxiliar na localização e lateralização da região epileptogênica. Objetivo: Retratar a demanda da avaliação neuropsicológica em pacientes internados para videomonitorização em um hospital geral universitário. Método: trata-se de um estudo exploratório, transversal e de natureza quantitativa. A amostra constituiu-se de pacientes internados para videomonitorização da epilepsia entre janeiro de 2016 e dezembro de 2017. O hospital conta com dois leitos para exploração diagnóstica da epilepsia, com equipamento para videomonitorização através de videoeletroencefalograma. Resultados: Dos 106 pacientes videomonitorizados durante este período (48 em 2016 e 58 em 2017), 71 (67%) tiveram solicitação de exame de avaliação neuropsicológica. Destas, o Serviço de Psicologia realizou 67 avaliações neuropsicológicas (94%), sendo 29 em 2016 e 38 em 2017. Quatro avaliações foram impossibilitadas devido à alta do paciente antes do término da avaliação e inviabilidade de finalizar via ambulatório. Conclusão: A elevada demanda para avaliação neuropsicológica aponta para a importância deste exame na tomada de decisão quanto a possíveis tratamentos, inclusive o cirúrgico. Unitermos: Avaliação neuropsicológica; Epilepsia; Tratamento.

### **P1331**

#### **Abuso sexual em usuários de crack: diferenças de gênero e sua relação com início de uso da droga**

Fernando Pezzini Rebelatto, Felipe Ornell, Vinícius Serafini Roglio, Breno Sanvicente Vieira, Jaqueline Bohrer Schuch, Rodrigo Grassi-Oliveira, Lísia von Diemen, Felix Henrique Paim Kessler - UFRGS

Introdução: Muitos estudos têm demonstrado uma relação estreita entre a ocorrência de violência interpessoal e o desenvolvimento de transtornos psiquiátricos. O abuso sexual (AS) é uma das formas mais traumáticas de violência e tem sido apontado como fator de risco para o desenvolvimento de Transtornos por Uso de Substâncias. Contudo, não está claro se a ocorrência de AS está associada à precocidade do uso de crack. Objetivo: Avaliar a prevalência de abuso sexual em uma amostra de usuários de crack e a sua associação com a idade de exposição ao trauma e com a idade do primeiro uso da droga, comparando diferenças de gênero.

Método: Foram recrutados 896 sujeitos (61,2% homens e 38,8% mulheres) internados por dependência de crack em duas unidades de Porto Alegre. A amostra foi dividida entre os grupos HAS+, MAS+, HAS- e MAS- (homens e mulheres que sofreram AS e homens e mulheres que não sofreram, respectivamente). A ocorrência de AS foi avaliada pelo Addiction Severity Index (ASI-6). Para a análise estatística, foram utilizados a regressão de Poisson (comparação de prevalências do AS entre gêneros), o teste t (comparação da idade de exposição ao AS entre gêneros e a diferença entre a idade de ocorrência do AS e a idade de experimentação do crack) e ANOVA e o teste de Tukey (diferença da idade de experimentação de crack entre os quatro grupos). Resultados: Do total da amostra, 41,4% (n=144) das mulheres e 6,9% (n=38) dos homens (RP=5,97, IC95% 4,29-8,31, p<0,001) relataram AS ao longo da vida. O AS ocorreu em média aos 9,18 anos (DP=6,36) entre os homens e aos 15,66 anos (DP=9,25) entre as mulheres (d=0,16, p<0,001). O teste post hoc indicou diferença apenas entre gêneros para a idade de início de uso de crack (HAS+: 26,13 anos, DP=8,36; HAS-: 23,92, DP=8,00; MAS+: 19,42, DP=7,83; MAS-: 20,55, DP=7,71,  $\eta^2=0,06$ , p<0,001). A idade de ocorrência do AS foi prévia ao início do uso de crack para ambos os gêneros (homens: 16,95 anos antes, IC95%: 20,34-13,56 anos antes; mulheres: 3,76 anos antes, IC95%: 5,74-1,79 anos antes, d=0,29, p<0,001). Conclusões: A maior prevalência de AS entre as mulheres pode estar relacionada à maior vulnerabilidade sociocultural para esta população; entre os homens, a baixa prevalência pode ser devida ao sub-relato. Apesar de o AS não influenciar diretamente o início de uso de crack entre os homens, a precocidade do uso da droga entre as mulheres poderia estar temporalmente mais relacionada ao AS, agindo como automedicação para o trauma. Unitermos: Crack; Abuso sexual; Gênero.

### P1355

#### Percepção de suporte social e crescimento pós-traumático em mulheres com câncer de mama

Carolina Villanova Quiroga, Laura Fritzen Binfaré, Luiza Doval de Souza Müller Pinto, Irani Iracema de Lima Argimon - PUCRS

O Crescimento Pós-Traumático (CPT) é um constructo que pressupõe que uma pessoa pode experienciar mudanças positivas em sua vida a partir de uma vivência estressante e/ou traumática, reestruturando construtivamente a maneira como vê e se coloca no mundo. O câncer de mama é a doença oncológica que atualmente atinge mais mulheres no mundo, sendo considerada uma experiência potencialmente traumática em decorrência das possíveis repercussões físicas e psíquicas do seu diagnóstico e tratamento. A literatura traz a percepção de suporte social como um dos preditores de CPT. A mesma consiste na possibilidade de se perceber amado, valorizado e saber que existem pessoas que se importam, sendo capaz de acessar fontes de suporte emocional, financeiro e material. Nesta perspectiva, este trabalho objetivou analisar a relação entre CPT e percepção de suporte social em mulheres com câncer de mama, a partir do recorte de uma pesquisa transversal, de caráter exploratório. A amostra foi composta por 84 mulheres de diferentes cidades do Rio Grande do Sul, com média de idade de 55,3 anos (dp=12,7), diagnosticadas com câncer de mama e que já haviam terminado o tratamento, podendo estar realizando apenas hormonioterapia no momento da coleta de dados. Os instrumentos utilizados foram Ficha de Dados Sociodemográficos e de Saúde, Inventário de Crescimento Pós-Traumático (ICPT) e Escala de Percepção de Suporte Social (EPSUS-A). A partir de análises de correlação, o escore total da EPSUS-A se mostrou positivamente correlacionada a maiores escores totais de CPT ( $r=0,28$ ,  $p=0,010$ ). Porém, quando incluído em análises de modelos regressivos, não se apresentou como um preditor de CPT. A variável "possuir marido/companheiro", coletada na ficha de dados sociodemográficos e de saúde, mostrou-se positivamente correlacionada com CPT, e quando incluída no modelo regressivo se apresentou preditora do mesmo nesta amostra. Conclui-se que a percepção de suporte social advinda do cônjuge se mostra preditora de CPT em mulheres com câncer de mama no Rio Grande do Sul. Entretanto, salienta-se que neste estudo não foram considerados diferentes tipos e fontes de suporte social, com exceção da variável coletada na ficha de dados sociodemográficos e de saúde. Sendo este o primeiro estudo com CPT no estado, mostra-se importante o desenvolvimento de novas pesquisas que analisem o constructo de maneira mais aprofundada e sua relação com suporte social e demais variáveis preditoras. Unitermos: Psicologia da saúde; Crescimento pós-traumático; Percepção de suporte social.

### P1374

#### Acolhimento a situações de violência em um serviço de medicina ocupacional

Ana Luisa Poersch, Thomas Silveira, Desirée Luzardo Cardozo Bianchessi, Rodrigo Rodrigues Fabretti, Elen Gineste Baccin, Sheila de Castro Cardoso Toniasso - HCPA

A violência é um dos principais problemas de saúde pública. A violência no trabalho pode ser definida como qualquer ação, incidente ou comportamento que se afasta de uma conduta razoável, na qual uma pessoa é agredida, ameaçada, ferida ou prejudicada no decorrer ou no resultado de seu trabalho. Ela afeta praticamente todos os setores, mas especialmente no setor da saúde tem alta prevalência por conta de diversos e consideráveis fatores de risco. Este trabalho buscou relatar a experiência no atendimento de situações de violência no Serviço de Medicina Ocupacional (SMO) em 2017, indicador importante no acompanhamento e manutenção do Projeto de Desenvolvimento "Formação de Multiplicadores para Prevenção da Violência no Trabalho" do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (CAEE 27030914.2.000.527). Os dados ora apresentados baseiam-se no levantamento dos acolhimentos feitos pela Psicologia do Trabalho, frutos no entanto, de uma rede de trabalho multiprofissional de encaminhamentos realizados no SMO. No total, foram atendidas pela psicologia 34 situações de violência no trabalho, sendo 22 casos de violência interna, envolvendo os próprios funcionários da instituição, e 12 de violência externa, relacionados ao atendimento a usuários do hospital, isto é, pacientes e familiares. Além destes, somam-se 8 casos de violência urbana envolvendo acidentes de trajeto e 1 caso de violência doméstica. A alta frequência de situações de violência no Hospital de Clínicas de Porto Alegre reforça a necessidade de se planejar e executar a prevenção contínua e a melhor assistência a esses casos. Nesse sentido, destaca-se, ademais da importância do trabalho multidisciplinar, o papel exercido pelo fluxo de atendimento e assistência ao funcionário em situação de violência do Serviço de Medicina Ocupacional no acolhimento a esses funcionários, bem como a continuidade da realização das Oficinas de Formação de Multiplicadores para Prevenção da Violência no Trabalho, instrumento e espaço dos trabalhadores do hospital para o reconhecimento, monitoramento e intervenção em situações de violência. Unitermos: Violência no trabalho; Acolhimento; Prevenção da violência.